

Urnas indígenas restauradas são testemunho dos primórdios da cultura brasileira

_____ página 05



Mais de 1.800 fragmentos cerâmicos exigiram verdadeira montagem de quebra-cabeça para recompor os objetos encontrados em Pedrinópolis e Moema



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



_____ Confira na página 08

Conselho Estadual do Patrimônio Cultural e Conselho Curador
aprovam Plano de Ação do Iepha para 2011

_____ página 04



Entrevista: Bethânia Reis Veloso fala sobre o Comitê Regional
do Escudo Azul em Minas Gerais, sob sua coordenação

_____ páginas 06 e 07

Impresso
Especial

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...

Editorial

| Fôlego renovado para 2011

Um novo ano, uma nova gestão. Com a reeleição do governador Antônio Anastasia, a escolha da secretária de Cultura, Eliane Parreiras, e a indicação da nova presidência do Iepha – que deve ser anunciada nos próximos dias –, a política de proteção do patrimônio histórico e cultural de Minas ganha fôlego renovado. Os desafios não são poucos, porém o empenho e a disposição dos envolvidos em sua preservação nos fazem crer que muito caminharemos em 2011. Como a própria secretária declarou, o patrimônio – por determinação do governador – está entre as prioridades na área cultural.

E o Bem Informado segue com sua proposta de divulgar amplamente – incluindo todos os municípios mineiros – as ações desenvolvidas pelo Instituto. Neste primeiro número de 2011, nossa entrevistada é Bethânia Reis Veloso, diretora do Cecor, que nos fala do Comitê Regional do Escudo Azul em Minas Gerais (iniciativa equivalente à Cruz Vermelha Internacional, para resgate e proteção da herança cultural dos países), criado em setembro do ano passado e atualmente em fase de implantação, do qual é coordenadora.

Trabalhos de restauração de bens culturais também são tema da edição. Exemplo são as urnas funerárias indígenas que, após um longo esforço de montagem de um verdadeiro quebra-cabeça, estão totalmente restauradas. Foram mais de 1.800 fragmentos, minuciosamente recompostos, recuperando importante testemunho dos primórdios da cultura brasileira.

A Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, tem de volta, recuperadas, as fontes “Moça mirando espelho d’água” e “Fonte dos Desejos”, depois de longo trabalho feito em ateliê aberto, em que a população pôde acompanhar as atividades dos restauradores. A Capela de São Gonçalo, em Minas Novas, também acaba de ser restaurada e está novamente aberta à comunidade depois de quatro anos fechada.

A edição traz ainda texto sobre a Capela de São Sebastião, em Araxá, bem tombado pelo Iepha desde 1979, que representa uma das maiores riquezas do patrimônio histórico dessa cidade do Triângulo Mineiro. A iniciativa de inclusão social, desenvolvida pela Casa de Cultura de Santo Antônio do Amparo, durante a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural em 2010, merece destaque em matéria que mostra o interessante trabalho desenvolvido com os deficientes auditivos da cidade.

O Plano de Ação do Iepha, aprovado pelo Conselho Curador e pelo Conselho Estadual de Patrimônio Cultural (Conep), também é tema nesta edição, assim como os Reis Magos, na seção Iconografia, com destaque para a imagem de São Baltazar, pertencente ao acervo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

Desejamos a todos uma boa leitura e um 2011 repleto de realizações!

Mariana Márcia Custódio
Chefe de Gabinete / Presidente em Exercício

Peças Desaparecidas

A imagem de Nossa Senhora da Conceição pertence ao acervo da Matriz de Santa Cruz, em Chapada do Norte, tombada pelo Iepha em 1980.

Foi furtada em 19 de setembro de 1994, junto com outras sete imagens e uma cruz de prata. A peça, do início do século 19, tem 95 cm de altura, 39 cm de largura e 22 cm de profundidade.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo faleconosco no site do Iepha/MG.



Divulgação

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras

Secretário adjunto: Estevão Fiúza

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Chefe de Gabinete e Presidente em exercício: Mariana Márcia Custódio

Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)

Diagramação: Ludymila Toledo

Fotos: Izabel Chumbinho

Impressão em papel Reciclado 90g/m² - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal

Impressão e acabamento: Rona Editora

«Nossa missão é garantir à sociedade a acessibilidade e a fruição do patrimônio cultural, por meio da preservação, valorizando e respeitando a diversidade cultural de Minas Gerais».



Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Etapa de restauração no Casarão do Inconfidente em Berilo entra na reta final

Os moradores de Berilo, município localizado a 545 quilômetros de Belo Horizonte, estão bem perto de receber de volta o exemplar mais representativo, ainda remanescente, do período colonial da cidade. O Iepha está perto de concluir as obras arquitetônicas no Casarão do Inconfidente Domingos Abreu Vieira, também conhecido, popularmente, como “Sobrado Velho” ou “Sobrado Abreu Vieira”.



Fotos Aéreo Iepha/MG

imóvel, foi concedido um aditivo, totalizando investimento final de R\$ 333 mil.

Nessa fase foram contratados serviços para elaboração de projetos complementares e execução das instalações hidrosanitárias, elétricas e luminotécnicas, sistemas de cabeamento es-

A edificação, que fica bem próxima do Rio Araçuaí – e por isso sofre com os períodos de cheia –, chegou a correr risco de arruinamento por causa de problemas estruturais, desprendimento do revestimento da alvenaria de adobe, comprometimento dos esteios e falhas no calçamento de seixo rolado da rua, tudo agravado por intensas chuvas há dois anos.

Segundo o arquiteto da Diretoria de Restauração e Conservação (DCR) do Iepha e autor do projeto de recuperação do bem, Miguel Angel Fermán, a maior dificuldade da obra foi a indefinição de seu uso futuro. Após a definição de instalação de um centro cultural, a proposta de intervenção buscou a conservação da integridade física do edifício, com a solução dos problemas de ordem estrutural e construtiva, além de garantia da harmonia plástica e tipológica dos elementos remanescentes. “As adaptações propostas permitem melhor acessibilidade e adequação das demandas decorrentes do novo uso”, revela Fermán.

O trabalho de restauração, iniciado em 2009, foi dividido em duas etapas devido ao precário estado de conservação do imóvel. A primeira, executada com recursos do Fundo Estadual de Cultura (FEC) e com a contrapartida da Prefeitura Municipal de Berilo, totalizando investimento de R\$ 200 mil, englobou consolidação e reforço estrutural da edificação; emenda em todos os pés de esteio; remoção e substituição das peças deterioradas (vigas, madres, esteios, barrotes etc); demolição das alvenarias de adobe que estavam em estado avançado de degradação e que apresentavam risco para a execução da intervenção; construção de novo engradamento e entelhamento da cobertura e imunização da estrutura e de todos os elementos de madeira. O forro de gamela, com pinturas de autor desconhecido, foi removido, mapeado, embalado e acondicionado em local apropriado enquanto aguarda restauração definitiva.

A segunda etapa, contratada pelo Iepha com recursos provenientes do Estado, teve o recurso inicial disponibilizado de R\$ 263.977. Contudo, para garantir a execução de serviços mínimos para funcionamento do

triturado e de segurança; remoção de emboço e reboco existente e execução de novo revestimento nas alvenarias de adobe; acondicionamento dos forros artísticos no segundo pavimento do prédio e fechamento provisório de janelas e portas. Na fase de execução de tijolos de adobe, vários tipos de terra encontradas na região foram testados.

A edificação histórica ainda tem prevista uma terceira etapa de restauração visando à recuperação do forro de gamela e de outros elementos artísticos.

| Novouso

Segundo Daniele Gomes Ferreira, arquiteta da DCR, a finalização das intervenções da segunda etapa está prevista para o próximo mês – dependendo das chuvas – quando o imóvel será entregue à Prefeitura que deverá garantir a conservação do bem tombado, permitindo o acesso da população e o resgate da história local. O uso efetivo é uma das principais formas de se garantir a manutenção, e consequente conservação, da edificação.

Por enquanto, estão previstos para funcionar na edificação um centro de artesanato local, uma sala de música, uma biblioteca, um anfiteatro e um espaço para oficinas (de cerâmica, de peças em algodão, de teatro e de coral) e mostras culturais diversas.



O anfiteatro é uma das adequações feitas para o novo uso do casarão restaurado

Conep e Conselho Curador aprovam plano de ação do Iepha para 2011

As últimas reuniões de 2010 do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep) e do Conselho Curador do Iepha tiveram como discussão central a aprovação do Plano de Ação do Instituto para 2011. A então vice-presidente, Maria Marta Araújo, destacou a seleção de prioridades como elemento forte no planejamento. “Mesmo com o contingenciamento de recursos pelo Estado, as diretorias tiveram muito sucesso no estabelecimento de metas e prioridades para a preservação do patrimônio”, explicou.

Entre os destaques gerais das ações planejadas estão a realização da terceira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, em setembro, e do Programa Editorial Iepha/MG 40 anos, com lançamento de publicações especiais, como o Guia de Bens Tombados pelo Estado e de Cadernos Técnicos.

Na Diretoria de Promoção, além da análise da documentação enviada para o ICMS Cultural e do assessoramento aos municípios na condução da política patrimonial local, estão previstas várias ações de educação patrimonial. Dentre elas, a criação de novos materiais didáticos específicos, a realização de fóruns regionais, cursos e oficinas em todo o Estado, e a continuidade do programa de educação patrimonial em escolas com tombamento estadual.

No planejamento da Diretoria de Proteção e Memória para 2011, prevalece a prioridade para o inventário dos acervos de bens culturais móveis e integrados de Minas. Para este ano, está previsto o inventário completo de acervos de seis bens religiosos, entre igrejas, capelas e uma romaria; além do Projeto de Inventário dos bens materiais e imateriais do Vale do Rio São Francisco e o de inventário de antigos leprosários em Ubá e Bambuí.

O patrimônio imaterial deve ganhar reforço com a revalidação do título de Patrimônio Cultural do Registro do Modo de Fazer o Queijo Artesanal da Região do Serro (concedido em 2002), e com a conclusão do dossiê de registro e plano de salvaguarda da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte.



▲ Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Chapada do Norte

Também está prevista a conclusão de vários processos de tombamento para deliberação no Conep. Dentre os bens que já possuem proteção provisória e deverão ter a definitiva votada este ano estão a Serra da Calçada, em Brumadinho e Nova Lima, e o Registro do Paraibuna, em Simão Pereira. O plano também prevê a apresentação ao Conep de estudos e pareceres para o tombamento provisório do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Ferroviário de Ribeirão Vermelho e do Centro Histórico de Santana dos Montes.

| Restaurações civis e de elementos artísticos

A Diretoria de Conservação e Restauração elencou como ações prioritárias a continuidade e, na maior parte dos casos, conclusão de obras já iniciadas. Deverão ser concluídos em 2011 os trabalhos de restauração de elementos artísticos da Igreja Matriz de Santana, em Congonhas do Norte; da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Alto Maranhão, Congonhas; e da Igreja de Nossa Senhora da Assunção da Lapa, em Ravena, Sabará. Também devem chegar ao fim as obras de restauração civil e elementos artísticos do Sobrado do Inconfidente Domingos de Abreu Vieira, em Berilo; e da Igreja de São Francisco de Assis, em Pitangui; além da restauração da casa do engenho da Fazenda Boa Esperança, em Belo Vale. Já a restauração dos elementos artísticos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Piranga, terá continuidade, mas a conclusão deve ficar para 2012.

Outra meta é a continuidade das ações necessárias à implantação dos equipamentos previstos para os Circuitos Culturais Praça da Liberdade e do Interior e das ações de fiscalização e acompanhamento de obras de restauração nas mais diversas regiões do Estado. Também terão continuidade o Programa de Restauração de Acervos, que este ano irá recuperar 15 peças, o Programa Invista, de vistoria dos bens com tombamento estadual, e o Programa Minas Para Sempre, com instalação de sistemas de alarme e monitoramento em monumentos tombados.



▲ Restaurações de elementos artísticos terão continuidade em 2011

Urnas funerárias indígenas são recuperadas pelo Iepha



Um grande quebra-cabeça foi montado, peça a peça, e está pronto para proporcionar ao público um verdadeiro mergulho no tempo, de volta à pré-história. A partir de mais de 1.800 fragmentos cerâmicos encontrados nas zonas rurais dos municípios de Pedrinópolis e Moema, foi possível reconstruir quatro urnas funerárias indígenas que trazem de volta um importante testemunho dos primórdios da cultura brasileira.

Os centenários fragmentos em barro cozido encontrados por fazendeiro, foram trazidos para o Iepha pelo arqueólogo, e então funcionário da casa, Fabiano Lopes, durante a realização de um curso de Restauração de Cerâmica Arqueológica e Materiais Pétreos, em 2001. Por conta do enorme volume de trabalho no Ateliê de Restauração e da grande quantidade de fragmentos, a reconstrução das urnas foi sendo desenvolvida lentamente; até que, no final de 2009, o Iepha optou por contratar uma empresa especializada para finalizar os procedimentos de consolidação. A equipe da Oficina de Arte Aplicada trabalhou na restauração, pesquisa e documentação das peças por sete meses, garantindo que sua integridade física e documental (histórica) fosse preservada. A restauração teve um custo total de R\$ 54 mil.

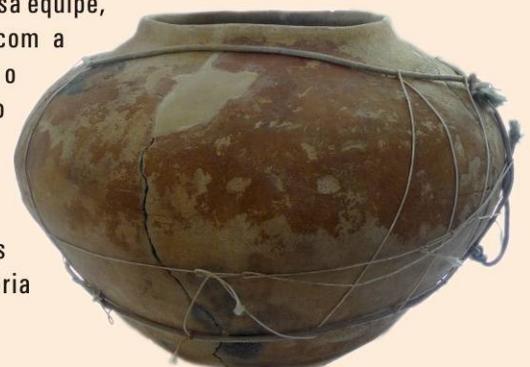
O trabalho incluiu higienização, separação e colagem dos fragmentos, complementação de perdas, consolidação de áreas fragilizadas,

apresentação estética e aplicação de camada de proteção. A separação das peças para montagem das urnas foi feita por cor, textura, espessura e tipo de queima dos fragmentos. A partir delas, foi possível montar uma urna de grande porte (e fragmentos) de Moema, e uma urna grande, uma média e uma meia cuia (e fragmentos) de Pedrinópolis. As peças de grande porte ainda ganharam estruturas de suporte.

Juntamente com as urnas, será encaminhado um relatório com recomendações para acondicionamento e armazenamento aos que irão recepcioná-las. Seu destino, no entanto, ainda não foi definido. Os municípios de origem estão estudando maneiras seguras de apresentá-las ao público, de acordo com recomendações do Iepha.

Para a técnica da Gerência de Elementos Artísticos do Iepha, Wanessa Assis, a exposição das peças e dos fragmentos restantes é de imenso valor, uma vez que o material possibilita o entendimento de parte da formação de nossa cultura e história. "O acervo arqueológico brasileiro constitui rico material de referência cultural e social, além de fonte de pesquisa, como técnica e material, para pesquisadores e estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento. É muito importante que estas urnas estejam acessíveis ao público", justifica.

O diretor de Conservação e Restauração do Iepha, Renato César de Souza, destaca a importância do trabalho de remontagem das urnas também para a Instituição. "Esta foi uma ação muito valiosa de identificação e recuperação da cultura de comunidades que antecederam o início das Minas Gerais. Para a nossa equipe, habituada ao trabalho com a cultura dita 'formal', como período moderno, o barroco e os séculos 18 e 19, esta foi uma importante oportunidade de voltar ainda mais no tempo, até a pré-história brasileira e mineira".





ENTREVISTA

Patrimônio mineiro ganha reforço com a criação de Comitê Regional do Escudo Azul

Vetró Gomes - EBA/UFMG



Em 2006, formalizava-se no Brasil a instalação do Comitê Brasileiro da organização internacional Blue Shield, ou Escudo Azul. Identificada como equivalente à Cruz Vermelha Internacional para o resgate e a proteção da herança cultural dos países, ela acaba de fincar raízes em solo mineiro.

Oficialmente em funcionamento há apenas dois meses, o Comitê Regional do Escudo Azul em Minas já está a pleno vapor. Sob a coordenação da diretora do Cecor (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG), professora Bethânia Reis Veloso, o comitê terá pela frente a missão de unir pessoas e instituições e prepará-las para atuar na prevenção de riscos e na resposta imediata às ameaças e situações de urgência que envolvam o patrimônio mineiro.

Em entrevista ao Bem Informado, Bethânia explica os objetivos e a forma de funcionamento da organização e sua estruturação em Minas.

O que é e como atua o Escudo Azul, ou Blue Shield?

Trata-se de uma organização não governamental e sem fins lucrativos cujo objetivo principal é trabalhar pela proteção e preservação das coleções e bens culturais que constituem a memória do país, com uma política de prevenção de riscos e de atuação imediata mediante desastres, acidentes e guerras. Funciona como uma grande aliança de voluntários que se organizam, traçam e executam as ações necessárias para este trabalho de salvaguarda. Isso inclui, por exemplo, o levantamento das instituições culturais de todo o Estado, de seu acervo e das condições dessas coleções. Será necessário ainda criar um banco de dados com voluntários para que, caso ocorram acidentes ou desastres, seja possível convocá-los e atuar de maneira agilizada para salvar o patrimônio.

Como surgiu a ideia de trazer a organização para Minas?

Já conhecíamos o trabalho do Escudo Azul Internacional e do Comitê Brasileiro. No segundo semestre de 2010, como parte das comemorações pelos 30 anos do Cecor, tomamos a iniciativa de solicitar a criação de um Comitê Regional em Minas Gerais. Após reuniões iniciais, já com a participação de inúmeras instituições culturais do Estado, tivemos um grande encontro no último dia 26 de novembro, com a presença da professora Célia Zahrer, coordenadora do Comitê Brasileiro, que reconheceu então a instituição do Comitê Mineiro. É importante deixar claro, no entanto, que não se trata de uma ação do Cecor, e sim de uma formação integrada de várias pessoas e instituições envolvidas na salvaguarda do patrimônio cultural mineiro.

São menos de dois meses de existência. Em que pé estamos?

Estamos trabalhando agora, com grande ajuda e orientação jurídica do Iepha, no desenvolvimento do estatuto que vai estruturar e organizar a instituição, suas metas e plano de ação. Em seguida, será preciso criar um site, que será essencial para que possamos cadastrar voluntários e disponibilizar conteúdos informativos e bibliografia relativa a procedimentos de emergências. Além disso, será preciso proporcionar uma série de treinamentos adequados aos voluntários. Esse é, inclusive, um dos nossos principais objetivos logo para este primeiro ano. Estamos programando, para breve, um treinamento específico contra incêndios junto ao Corpo de Bombeiros. Teremos também um curso de preparação voltado para situações de inundação e, em decorrência de estudos que avaliem todos os riscos que envolvem o patrimônio, precisaremos de novos treinamentos específicos para cada situação.

Quais seriam outras metas do Comitê Regional para curto e médio prazos?

Um dos principais objetivos do trabalho do Escudo Azul em Minas será realizar um levantamento das instituições culturais e de seus acervos, o que irá criar um grande diagnóstico. A ideia é começar esse mapeamento apenas por Belo Horizonte, até chegarmos a todos os nossos 853 municípios mineiros. Precisamos conhecer as instituições culturais, saber o que elas possuem – e em que estado – para que possamos determinar linhas de ações para cada situação. Será preciso investir, por exemplo, em sistemas de combate e prevenção de incêndios, equipamentos e treinamento.

Como a senhora explicou, trata-se de uma organização independente, mas que possivelmente terá muitos custos. Como o Escudo Azul é mantido?

É verdade, tem custos. Para começar, toda a força de trabalho é baseada no voluntariado, em gente realmente envolvida e disposta a trabalhar pelo patrimônio. Várias instituições envolvidas com a causa também estão disponibilizando recursos variados neste primeiro momento. O Iepha ofereceu a assessoria jurídica necessária para a estruturação do Comitê. O Cecor arcou com despesas das primeiras reuniões e o Ministério Público também acenou a possibilidade de recursos para breve. No mais, queremos fazer um levantamento de possíveis apoiadores e financiadores, e de empresas que se disponibilizariam a algum tipo de apoio voluntário. Em um pós-acidente precisaríamos, por exemplo, de transportadoras e depósitos de material que pudessem abrigar um acervo durante certo tempo. Precisaríamos pedir passagens a companhias aéreas, negociar com firmas e empresários o financiamento de hospedagens e alimentação para os voluntários deslocados. Isso tudo demandará um levantamento muito amplo.

Há um enorme volume de trabalho a ser feito, com muitos levantamentos, estudos, treinamentos. Como as pessoas envolvidas estão se preparando para fazer tudo isso acontecer?

Já tivemos algumas reuniões iniciais com enorme adesão de instituições de todo o Estado. Contamos com a participação de membros de outros comitês regionais em funcionamento no Brasil – inclusive do Comitê Francês –, que trouxeram ideias e modelos de sua experiência. A própria vinda da Célia Zaher, em novembro, e toda a bibliografia disponível são elementos que facilitaram muito a instalação de um Comitê Mineiro. Mas o principal tem sido o envolvimento ativo das instituições mineiras, do Cecor, do Iepha, do Iphan, do Ministério Público e de todos os museus, bibliotecas, arquivos e fundações que já estão participando com tanto entusiasmo desde este início. É um clima realmente de muita energia e vontade de fazer acontecer. Será um trabalho bastante extenso e integrado, e cada envolvido terá muito a contribuir com sua aptidão específica, seja ele um administrador, restaurador, arquiteto, engenheiro, bibliotecário, historiador...

Junto ao cadastro de voluntários haverá um banco de especialistas que poderão ser solicitados para atuar em outros estados ou países, quando necessário?

Por conta da extensão de nosso país, precisamos ter comitês regionais que dêem conta de seu patrimônio local, com toda sua especificidade. Entretanto, o Escudo Azul não conhece limites para a cooperação, que será sempre internacional. Especialistas podem ser requisitados em qualquer lugar do mundo, assim como todos os voluntários. A verdade é que estar envolvido com o patrimônio é um estilo de vida. Quem está na área, está sempre ligado e sempre à disposição para qualquer situação, para se envolver e trabalhar pela memória. Essa rede de “amigos do patrimônio” proposta pelo Escudo Azul, na

verdade, sempre existiu. Sempre que há uma situação delicada, aparecem muitas pessoas do meio, dos mais diversos lugares, prontas para ajudar, oferecer ideias e experiências para que o problema seja resolvido o quanto antes e da melhor forma. A missão agora é listar e estruturar os contatos e formalizar essa convivência, unindo o melhor das capacitações e experiências em um grande organismo integrado.

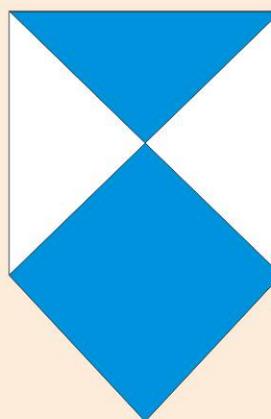
Como podemos notar a atuação direta dos voluntários hoje?

O Escudo Azul Internacional está em plena ação atualmente em vários pontos do mundo. Um exemplo é a presença de voluntários no Haiti, atuando na recuperação de acervos ameaçados pelos estragos causados pelo terremoto que acometeu aquele país há um ano. Juntamente a todas aquelas pessoas, foram parar sob os escombros toda a sua memória, sua identidade e suas referências culturais, que serão de tanto valor na reconstrução deste país devastado.

Como entender a importância do trabalho do Escudo Azul?

Pode parecer algo simples, mas uma atuação imprópria, em caso emergencial, pode destruir de vez uma peça ou coleção, pela pura falta de conhecimento. É importante saber como salvar e até o que salvar, o que priorizar. Quando, por exemplo, uma obra ou um museu pega fogo, é importante saber o que fazer, como fazer, o que salvar, quais os procedimentos a seguir. Após uma inundação, uma coleção deve ser congelada, colocada para secar ao ar livre ou numa câmara? São instruções como estas que precisamos divulgar. Nosso objetivo é conhecer profundamente os acervos, avaliar os riscos e estabelecer procedimentos prioritários tanto de proteção quanto de recuperação dos bens. Precisamos fazer estudos para tentar estabelecer o que é mais importante a ser salvo em uma situação extrema. E talvez até

cheguemos à conclusão de que tudo é prioritário, mas precisamos muito entender o valor de cada item dos acervos específicos de uma comunidade, respeitando sua identidade cultural. Isso quer dizer que, muito além de valor econômico de uma peça, estaremos priorizando seu valor cultural, artístico, histórico e até afetivo para sua comunidade. Este é um trabalho que, com certeza, levará muito tempo; e estamos apenas começando.



▲ O emblema do Escudo Azul é utilizado para marcar os edifícios a serem protegidos em caso de conflito ou desastres. Sua utilização teve início a partir da assinatura da Convenção de Haia, de 1954, primeiro acordo internacional referente à proteção de bens culturais, móveis ou imóveis, monumentos, sítios arqueológicos, manuscritos, livros e arquivos, em caso de conflito armado.

PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

| Mosteiro de Macaúbas – Santa Luzia

O detalhe desta edição está em um altar do Mosteiro de Macaúbas, em Santa Luzia, cujo conjunto de talhas tem uma parte supostamente datada no século 18 e outra já no século 19.

Segundo Renato César de Souza, ex-diretor de Conservação e Restauração do Iepha, o detalhe aponta a tendência da talha de estilo rococó, mesmo com a reminiscência joanina das colunas salomônicas. Estas colunas ladeiam a peanha que sustenta uma imagem de Santo Antônio, sob a proteção de um pequeno dossel. A peculiaridade é a predominância da cor branca nestes fustes salomônicos: na talha joanina, estas colunas seriam totalmente douradas.

“Aqui, as espirais dos fustes, entremeadas por guirlandas de flores, trazem algo próprio do Rococó: leveza e graça, um gosto feminino, que se aplica bem a este recolhimento de mulheres”, comenta Renato César.

O Mosteiro de Macaúbas, construído em 1733 seguindo projeto de seu instituidor, Félix da Costa, juntamente com a Madre Antônia da Conceição e o Padre Lourenço José Coimbra, foi o primeiro estabelecimento de educação feminina de Minas Gerais, onde, ao lado da formação religiosa, as moças eram preparadas para se tornarem boas donas de casas e mães de família.



BLOCO DE NOTAS

| Iepha entrega quadros restaurados à Academia da PMMG

Dois quadros, representando momentos históricos de nosso país, foram totalmente restaurados pela Gerência de Elementos Artísticos e devolvidos, em dezembro, a representantes da Polícia Militar de Minas Gerais. As peças, pertencentes à Academia de Polícia, apresentavam perda de camada pictórica, craquelês, pequenos rasgos e manchas, além de grandes danos estruturais e nas molduras, causados por ataques de insetos.

Ambos os quadros medem 1,30 x 2,11m. Um deles, intitulado “Guerra do Paraguai – 1864-1870 – Retirada de Laguna” é datado de 1950 e assinado pelo pintor paulista Gentil Garcez. A outra obra, do pintor italiano Carlos Oswald, é a “Bandeira da Inconfidência – 1789: Os Inconfidentes”, representando personagens da Inconfidência Mineira e uma bandeira semelhante à atual bandeira do Estado de Minas Gerais, porém com emblema e texto na cor verde.



| Cultura tem nova secretária



Tomou posse no dia 03 deste mês a nova secretária de Estado de Cultura, Eliane Parreiras, que antes ocupava a presidência da Fundação Clóvis Salgado.

Formada em Comunicação Social, pela PUC Minas e pós-graduada

em Marketing e Gestão Cultural, Eliane atua nas áreas de gestão e produção cultural há mais de 15 anos.

| Iepha analisa documentação do ICMS

Terminou no último dia 17, o prazo para que as prefeituras mineiras encaminhassem ao Iepha a documentação exigida para que tenham direito a pontuar no ICMS Patrimônio Cultural – exercício 2012. Os técnicos da Diretoria de Promoção do Instituto já iniciaram a análise dos documentos e, no dia 20 de junho, a tabela com as notas provisórias será divulgada. Os municípios que discordarem dos pontos obtidos terão prazo de dez dias para recorrer. A pontuação final será divulgada em 20 de julho.

Inclusão social marca Jornada Mineira em Santo Antônio do Amparo



Fotos Divulgação

⤴ Sempre com acompanhamento da intérprete de Libras, os jovens participaram de diversas atividades que resgataram a memória local

O tema da segunda edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural – Patrimônio Cultural e Cidadania – despertou em Maria Aparecida Mourão Avelar, diretora da Casa de Cultura de Santo Antônio do Amparo, a vontade de planejar uma ação diferenciada. Lembrando-se da participação da instituição na 8ª Semana de Museus, quando criou uma linha do tempo sobre a cidade que foi visitada pelos deficientes auditivos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (Apada), logo veio a ideia. “Os meninos da Apada ficaram super empolgados com a linha do tempo. E, como acredito que o primeiro passo para o conhecimento do patrimônio cultural é a cidadania, acompanhada da inclusão social, pensei nessa ação voltada para eles”, conta.

Com a ajuda da professora de Libras (Linguagem Brasileira de Sinais) da Apada, Luciany Maria Neves Fonseca, Maria Aparecida desenvolveu a ação “Identificação, Registro e Valorização do Santuário de Santo Antônio de Pádua e do padroeiro Santo Antônio”. Depois de encontros, em que os participantes receberam informações históricas sobre as mudanças pelas quais o santuário passou e a história do padroeiro, resgatando a memória da cidade, foi o momento de eles criarem produtos para uma exposição.

“Os deficientes auditivos têm a sensibilidade do olhar muito apurada. Trabalhei mostrando fotos, com explicações da intérprete, e eles adoraram. Foram eles que sugeriram a criação de estandartes, mostrando o que tinham aprendido”, explica. Depois de elaborarem uma linha do tempo, desde a igreja primitiva até o santuário atual, os próprios participantes, com ajuda de Luciany, compraram o material –

feltro, passamanarias, lantejoulas – e criaram os estandartes para a mostra, que foi aberta ao público no Museu Dr. Hélio Garcia. Os visitantes se impressionaram com a exposição (confira os depoimentos abaixo) e fizeram questão de parabenizar os “artistas”.

Segundo Maria Aparecida, a experiência foi gratificante, apesar de trazer grandes desafios. Ela conta que teve de buscar informações sobre a imagem do padroeiro, por exemplo, o que lhe demandou um bocado de trabalho. Acabou descobrindo que a peça tem 285 anos e foi feita por um mestre português, estabelecido em São João Del Rei, conhecido por Mestre Sorriso, pois suas imagens sempre trazem um sorriso no rosto. “Aprendi muito e, com isso, enriqueci o acervo de memória da Casa de Cultura”, avalia.

Outro resultado trazido pela ação foi a descoberta de dons artísticos de alguns participantes. Dois deles mostraram grande habilidade para o desenho. Como ressalta Maria Aparecida, esse despertar de talentos proporcionou um fortalecimento da auto-estima dos garotos. O que foi comprovado por Luciany: “Pelos diálogos entre eles, em Libras, vi que eles estavam super empolgados, comentavam entre eles o sucesso da exposição e os conhecimentos adquiridos”.

Também foi momento destacado no projeto, a missa celebrada no Santuário no Dia do Deficiente Auditivo, com interpretação em Libras, que emocionou a todos os presentes.

Com a palavra, os visitantes:

“Minha sensação ao visitar a exposição foi de alegria, ao constatar que aqueles jovens, que desconheciam o nosso patrimônio cultural, foram resgatados com a dignidade que o ser humano merece”.

Antônio Avelar Borges, 61 anos

“A visita à exposição foi uma experiência agradabilíssima, uma vez que aqueles meninos mostraram que realmente aprenderam sobre a nossa cultura. A Jornada deixou-os ricos de nossa história e, conseqüentemente, enriqueceu também todos que visitaram a mostra”.

Pedro Alves Avelar, 85 anos
(considerado “memória viva” de Santo Antônio do Amparo).

Finalizado trabalho nas fontes da Praça da Liberdade

Após quase seis meses parcialmente cobertas por tapumes e plásticos, as fontes das Três Graças (ou dos Desejos) e a da escultura da Moça Mirando Espelho D'água estão prontas para apreciação de todos. A inauguração foi feita junto à decoração especial de Natal da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

As peças em mármore de carrara passaram por uma intervenção que incluiu a limpeza e retirada de material biológico (musgos, microvegetais e lodo), além de reparos emergenciais em pontos danificados da estrutura. A escultura Moça Mirando Espelho D'água, que fica próxima ao Palácio da Liberdade e ao Edifício Niemeyer, teve ainda um dos braços recolocado pelos restauradores. A peça estava danificada há cerca de dois anos.



O trabalho, realizado pela restauradora Marta Plazas e sua equipe e coordenado pelos técnicos da Gerência de Elementos Artísticos do Iepha, teve o custo total de R\$ 34,7 mil. Essa foi uma primeira etapa e, segundo Yukie Watanabe, gerente de Elementos Artísticos, ainda em 2011, serão necessárias outras intervenções. “Depois da retirada do material biológico que as encobria, conseguimos ver o real estado de conservação das peças. Fizemos um mapeamento da degradação e vimos que elas estão muito fragilizadas, vão precisar de uma restauração completa”, explica.

O trabalho nas fontes inaugurou em espaços públicos da capital o formato de ateliê vitrine que foi implantado pela Instituição em 2009; essa foi a primeira vez que a proposta foi apresentada a céu aberto.

Minas Novas em festa

A comunidade de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, está em festa. Após anos de expectativa, a Capela de São Gonçalo volta a ser palco de celebrações religiosas. A edificação, de arquitetura simples e harmônica, acaba de ser totalmente restaurada depois de quase três anos de obras.

Os trabalhos, acompanhados pelo Iepha, no valor total de R\$ 628 mil, incluíram recuperação de elementos artísticos e restauração civil. Segundo o padre Fernando Luis dos Santos, titular da paróquia de São Pedro do Fanado, à qual a capela está ligada, a reabertura da igreja é um momento marcante para a comunidade. “As celebrações estavam sendo realizadas nas outras igrejas da

cidade e nas ruas da própria paróquia, e todos sentiam muita falta dessa, que é a primeira igreja de Minas Novas”, relata.

Durante o trabalho de recuperação da igreja foram descobertas, pela restauradora contratada Mara Fantini, duas figuras no altar-mor.



Verdadeiras preciosidades recuperadas, as pinturas, imitando trabalho em talha, representam dois santos dominicanos: possivelmente São Domingos e São Gonçalo. “Costumamos chamar a Capela de São Gonçalo de 'caixinha de joias' porque ela é pequena e cheia de tesouros e relíquias”, revela padre Fernando.



Fotos Acervo Iepha/MG



Capela de São Gonçalo é reaberta depois de totalmente restaurada

Capela de São Sebastião - Araxá

Acervo Prefeitura de Araxá



imagem do Cristo Morto (foto abaixo). Os altares laterais apresentam uma imagem de São Francisco de Assis e outra de Nossa Senhora das Dores. Nos corredores laterais à capela-mor existem duas telas do século 19, de dimensões aproximadas de 2,00 x 3,50 metros, onde foram pintadas, em uma, o Cristo no Horto e, na outra, a cenados açoites.

As imagens de São Sebastião, São Francisco, São João Evangelista, Maria Madalena, Nossa Senhora das Dores, Senhor dos Passos e Senhor Morto são atribuídas, pela tradição, ao escultor e pintor Bento Antônio da Boa Morte. Suas esculturas possuem linhas discretas, quase retas, e os rostos apresentam sempre muita expressividade e compenetração.

Construída em 1804 por José Pereira Bom Jardim e tombada pelo Iphan desde 1979, a Capela de São Sebastião representa uma das maiores riquezas do patrimônio histórico de Araxá, no Triângulo Mineiro.

Seguindo o estilo colonial típico da região, que teve influência jesuítica, apresenta-se como construção característica do início do século 19: três naves (de pés direitos em alturas quase iguais), capela mor, sacristia e capela lateral. Os altares são bastante simples, da época da construção da capela, sem qualquer ornato, retábulo com colunas lisas e coroamento em curva simples, rendilhado na boca do camarim do altar-mor. À porta de entrada encontra-se o túmulo de José Pereira Bom Jardim.

Desde sua inauguração, a edificação passou por diversas modificações, sendo a principal feita na torre do sino. Nas primeiras décadas do século 19, a igreja possuía dois sinos, um em homenagem a São Sebastião e outro a São Francisco. Em 1842, uma das torres foi destruída durante um confronto político armado, a Revolução de 42. A partir desta data, passou a ter como padroeiro somente São Sebastião.

Em 1978, o prédio foi descaracterizado, tendo suas paredes externas revestidas de pedras, as telhas escondidas por forro e o tabuado do assoalho modificado. Depois de um movimento realizado pelos habitantes de Araxá, foram feitas obras de restauração que devolveram à igreja formas mais semelhantes às originais.

O retábulo do altar-mor apresenta as imagens de São Sebastião flechado, Santo Antônio e Nossa Senhora. No nicho do altar-mor encontra-se a

| O Museu Sacro de São Sebastião

Instalado na antiga sacristia da Capela de São Sebastião, o Museu Sacro foi inaugurado em 1991 e abriga fotos, objetos e imagens de época, destacando-se as esculturas barrocas de Bento Antônio da Boa Morte e de Veiga Valle. Além disso, o museu conta um pouco da história de Araxá desde a chegada dos primeiros colonizadores e a construção da igreja até a sua restauração ocorrida entre 1987 e 1990. Em uma vitrine do pequeno espaço dedicado ao museu estão guardadas pequenas imagens do escultor goiano Veiga Valle. Há ainda um belo oratório de culto doméstico com a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Também no museu há uma homenagem ao escultor Bento Antônio da Boa Morte, numa sala que preserva um acervo de suas obras de grande valor histórico e artístico.



Referência: Dossiê de Tombamento da Capela de São Sebastião – Araxá, produzido pelo Iphan/MG.

Negro rei e santo mago: o intrigante Baltazar de Aleijadinho

Nenhuma cena da infância de Jesus provocou tanto a imaginação popular quanto a menção aos magos, indivíduos misteriosos e brevemente citados no Evangelho. No texto de Mateus (2, 1-12), vemos a chegada dos magos do Oriente a Jerusalém, indagando: “Onde está aquele que nasceu rei dos judeus? Com efeito, vimos a sua estrela surgir no céu e viemos homenageá-lo”. Alarmado, Herodes lhes diz para que o avisem, assim que encontrarem o Menino. Partindo rumo a Belém, pôde o trio rever a estrela. Sucintamente, encerra-se sua aparição: “Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho para a sua região”.

Aldo Araújo



As lendas irão nomear e descrever os magos. Melquior, velho de cabelos e barbas brancos, ofereceu o ouro. Gaspar, jovem imberbe, presenteou o incenso. Baltazar, com barba e a pele escura, ofereceu mirra.

Este último ganharia, além da condição de rei e mago, a da santidade, sendo assim o único com essa tríplice condição entre os africanos que se tornaram santos da Igreja, merecendo na América portuguesa e espanhola culto, festa e lugar nos altares.

Caído em esquecimento no Brasil, o culto a São Baltazar mantém-se vivo na América de origem espanhola, sendo ele lembrado como o Santito Negro ou Santo Cambá. No Brasil, era importante no Rio de Janeiro, com sua imagem sempre presente na Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa.

<< Imagem de Baltazar, atribuída a Aleijadinho, integra o acervo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto

Uma escultura de Baltazar, arrolada como de autoria de Aleijadinho – compo um presépio da Igreja de S. Francisco de Assis de Vila Rica e hoje recolhida ao Museu da Inconfidência, em Ouro Preto – constitui a única representação de um negro feita pelo escultor mineiro. A figura do mago teria sido encarnada, ou pintada, por Feliciano Manuel da Costa, filho natural do poeta Cláudio Manuel.

Ao contrário da grande maioria de santos negros, executados no Brasil ou para cá trazidos, sempre com traços de pessoas brancas, ou das representações de negros com finalidade utilitária, como os tocheiros, que neles ressaltam lábios e nariz bem grossos, há nessa peça de roca e com braços articulados uma representação diferente da negritude. Não há nem o branqueamento das feições nem uma caricaturização do rosto negro.

Baltazar, sem nenhum traço de realeza, como manto ou coroa, usando turbante e sandálias, apresenta uma dignidade de postura e uma beleza harmônica nos seus traços africanos. Tem um olhar expressivo, a aparência de um guerreiro africano, com longos dedos, rosto magro, pescoço comprido. Os artelhos, mostrados pela sandália de cano alto, passam a sensação de alguém ligado à terra, que os pés parecem livremente tocar. Lembra um rei tribal ou umbabá, o sacerdote africano.

É, portanto, uma peça única e bastante original o Baltazar de Aleijadinho, curiosa representação de um negro que, em rota inversa à da história, na América, passou de uma cena específica do presépio para um altar. Vale ainda lembrar que a chegada dos presépios ao Brasil, por meio das ordens religiosas, foi incentivada, como aconteceu na Europa, pelo seu caráter didático e pedagógico, daí o uso de bonecos, vestidos e manipulados. Logo se tornariam arte popular, assimilando-se às óperas de bonecos que faziam grande concorrência à ópera italiana, podendo se espalhar por toda parte, além das igrejas e dos palácios, levando a uma notável liberdade de linguagem.

| Para saber mais:

- Bíblia de Jerusalém. S. Paulo: Paulus, 1985, 5ª impressão, 1996.
- Catálogo básico do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, 1985.
- MÂLE, Émile. L'art religieux du XIIIe. siècle en France. Paris: Armand Collin, 1948.
- MAURÍCIO, Augusto. Templos históricos do Rio de Janeiro. Rio: Laemmert, 1947.
- M. FERREIRA, Jorge Rodrigues. Os presépios monumentais de Portugal no site _Hlt281834600http://_Hlt281834683www.a_Hlt281834683migodospresepio.com/p_Hlt281834600ortugal.htm.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. S. Paulo: Nacional, 1979.